

Investigando e aprendendo com a cidade

Profa. Dislane Zerbinatti Moraes
Kellen e Kleber

Leitura da cidade: consciência histórica

Olhar para a cidade

- Ver X olhar (antropólogo José Mario Barros “2 ou 3 questões sobre o olhar)
- O olhar é intencional, exige profundidade
- O olhar é resultado da leitura sobre o mundo; constitui sentido (Paulo Freire)
- Cidade como fonte de investigação; historicidade nas ruas, edifícios, espaços públicos

Caminhar pela cidade

- Caminhantes (perambulação sem pressa) X passantes (desatenção, deslocamento eficiente, imposição do relógio)
- Flâneur de Walter Benjamin (Tipo específico de homem de elite urbano, Observação da Materialidade urbana, história da cidade, cidade na História, decifração dos enigmas, observação da experiência de viver na cidade e na multidão. Flâneur: aquele que tem a ocupação de vagar lentamente pela cidade). Edgar Allan Poe, Baudelaire, Proust, Lima Barreto, João do Rio, Carlos Drummond de Andrade
- Tomar a cidade como texto a ser lido
- Intenção, observação, decifrar os enigmas da cidade e multidão
- Degusta a cidade em sua historicidade, em suas tensões

Sensibilidades

- Habilidades para ler a cidade do presente na sua relação com o passado e futuro (Siman, 2010)
- Audição, olfato, tato, visão
- Observação das minúcias
- Exercício da alteridade
- Formação de cidadãos sensíveis, críticos e comprometidos com a busca por cidades mais justas e sustentáveis

Potencial educativo do cotidiano da cidade

“O cotidiano da cidade é mais do que uma história do banal, do corriqueiro; é mais do que o trânsito intenso e apressado de mercadorias, dos seus transportes, dos homens sendo transportados individual e coletivamente sobre o traçado físico da cidade. A história que se vive no cotidiano da cidade é efeito material e simbólico desses movimentos, reveladores de sentidos do pensar e agir dos homens em suas múltiplas relações sociais tecidas em diferentes lugares.” (Simão, Lana. *In. A leitura da cidade e o desenvolvimento da consciência da cidade*, p. 106)

Consciência da Cidade - Potencial de construção de consciência histórica

“A necessidade de provocar tal consciência deriva do fato de que, na interação cotidiana com a cidade, ela acaba por nos embotar. A importância da cidade para o habitante faz com que ela seja naturalizada, escapando assim a própria acuidade e aprofundamento da percepção”.

“Nessas condições é imperioso desnaturalizar a cidade, fazê-la percebida como artefato, artifício, coisa criada, instituída pelo homem, para si, para seus interesses, contra eventualmente, interesses de outros homens, mutável e em transformação permanente, submetida a forças e mecanismos que podem ser identificados – e assim por diante.” (Meneses, Ulpiano. *In. A leitura da cidade e o desenvolvimento da consciência da cidade*, p. 94).

Os estudantes precisam:

- responder por que determinada coisa está localizada em um dado lugar;
- apropriar-se de métodos que permitam fazer a leitura geográfica e histórica da cidade;
- apreender as relações de poder nela existentes;
- identificar os lugares permitidos, interditados e proibidos;
- compreender que a geografia e história da cidade se constroem e reconstroem constantemente;
- identificar lugares de resistência;
- reconhecer contradições etc.



Cidade:

Múltiplas Culturas, Experiências Históricas, Deslocamentos, Representações, Memórias e Identidades (texto de Sevcenko)

- Ruas representativas da São Paulo Espetáculo do Progresso:
 - 1ª. Centro Velho – Rua Direita, 15 de Novembro e Rua São Bento - Marco Histórico de Desenvolvimento Urbano – Início do Século XX
 - 2ª. Cidade Nova – Av. São João e Rua Ipiranga – expansão da urbanização
 - 3ª. Av. Paulista – Cartão Postal da Cidade
 - 4ª. Av. Faria Lima, Berrini – Expansão imobiliária e de negócios

Lógica das cidades – Entropia e Metástase

- Mudança - Criação de novos centros e novas fronteiras
- Centro – Visibilidade – potencial de polarização de recursos, articulação de fluxos de pessoas e de mercadorias – cidade centrífuga baseada na exclusividade e no privilégio – Cidade Espetáculo do Progresso
- Rua São Paulo – torna visível os pontos-cegos do Centro, o avesso, as vísceras.....os processos de exclusão, aquilo que também faz parte da cidade como processo histórico que permite a existência da Cidade Espetáculo do Progresso

Representatividade da Rua São Paulo

- Cidade Espetáculo – Cidade Especulação – Urbanização – Privatização do Espaço Público
- Cidade Cooptação – expansão no modelo de periferia, tornando a população dependente do poder público. (Baixada do Glicério – equipamentos de assistência à população mais pobre).
- Cidade Informal – Zona Proibida – Abandono e Marginalidade

Percepção dos Habitantes

- Ausência de um princípio orgânico, ausência de nexos temporais e espaciais, incapacidade de gerar memórias unificadoras de identidades.
- Dilaceramentos de memórias e percepções, dissipação de signos....

Documentário

Brás, sotaques e desmemórias

Direção Marta Nehring adaptado da obra de Lourenço Diaféria, 2006.

(Projeto História dos Bairros de São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo/Fapesp)

<https://www.youtube.com/watch?v=q7VwsJWyHX4>

Patrimônio cultural, Cidadania e Direito à Memória


- História da Política de Patrimônio Histórico-Cultural Material e Imaterial: ligado às estruturas de poder e dominado por especialistas: historiadores e geógrafos (IHGB – 1837), arquitetos e urbanistas, juristas, antropólogos e sociólogos e especialistas em arquivos e documentação (SPHAN – 1937, Constituição de 1988).
- Espaço de disputa de memórias, de histórias, de políticas culturais e de luta por direitos.
- Sentido Antropológico para a Ideia de Cultura: modos de ser, pensar e agir de grupos sociais, em estado de constante interação e consequente transformação.



Marilena Chauí: Secretária Municipal de Cultura – Governo Luiza Erundina – Congresso do Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo - 1992

“Ao definirmos a política cultural como Cidadania Cultural e a cultura como direito, estamos operando com dois sentidos de cultura: como um fato ao qual temos direito como agentes ou sujeitos históricos; como um valor ao qual todos têm direito numa sociedade de classes que exclui uma parte dos cidadãos do direito à criação e à fruição das obras de pensamento e as obras de arte.”

“Nossa política cultural tem-se proposto a enfrentar o desafio de admitir que a cultura é simultaneamente um fato e um valor, a enfrentar o paradoxo no qual é o modo de ser dos humanos e, no entanto, precisa ser tomada como um direito daqueles humanos que não podem exercer plenamente o seu ser cultural – no caso, a classe trabalhadora.” (p. 39. Chauí. In *Direito à Memória*)



Marilena Chauí: Secretária Municipal de Cultura – Governo
Luiza Erundina – Congresso do Departamento de Patrimônio
Histórico de São Paulo - 1992

“A decisão de enfrentar esse paradoxo (que não existe para as classes dominantes porque para elas ser cultural e ter direitos às obras culturais é a mesma coisa), está consignada no cartaz e título deste Congresso: a tomografia do cérebro mostra que a memória é um fato biológico, anatômico, fisiológico, que todos somos memoriosos e memorialistas, mas o título do Congresso lembra que a memória, numa sociedade que exclui, domina, oprime, oculta os conflitos e as diferenças sob ideologias de identidade, é um valor, um direito a conquistar.” (pp. 39 - 40. Marilena Chauí. In *Direito à Memória*)

Temas e atuação do Departamento de Patrimônio Histórico na gestão de Marilena Chauí como Secretária Municipal de Cultura

Laço entre política cultural e cultura política:

Suportes de memória: não tem simplesmente procurado “modernizar-se”, isto é fazer com que novos instrumentos tecnológicos venham suportar velhas ideias de patrimônio e memória, mas vem discutir tanto as noções de antigo e moderno ... quanto as hierarquias que estabeleciam inferioridade e superioridade de determinados suportes, que conferiam credibilidade e desconfiança a outros, dignidade e irrelevância a outros. Propõe-se a exercer uma prática crítica em face a objetos e espaços postos como memoráveis numa hierarquia tácita de exercício da dominação social e política.

Memória, Preservação e Tradições Populares: questionamento da ideia de divisão competente do trabalho, que coloca, de um lado o especialista, qualificado para decidir o que é e o que não é preservável, o restante dos cidadãos sendo tidos como incompetentes. Tem buscado a multiplicidade, a pluralidade, diversidade das memórias e tradições. (p.40, Marilena Chauí. In *Direito à Memória*)

Temas e atuação do Departamento de Patrimônio Histórico na gestão de Marilena Chaui como Secretária Municipal de Cultura

Memória, preservação e tradições populares: Desenvolvimento nas Casas Históricas e nas várias regiões da cidade p trabalho da história oral dos movimentos sociais, dos movimentos populares e dos movimentos operários, para quebrar a imagem ideológica de um passado unívoco e de um presente idêntico, esforçando-se para não ser produtor e guardião oficial de acervos da tradição popular e trabalhadora, mas de oferecer serviços técnicos para que os movimentos sejam sujeitos e autores do trabalho memorialista.

Culturas, histórias, memórias e tradições populares

- Ideias e práticas de direito à cultura, à história e à memória em permanente tensão.
- Esferas que se estranham, se confrontam e algumas vezes dialogam, dependendo da cultura política de cada momento histórico.
- Culturas, Memórias e Histórias Oficiais: fixação de narrativas hegemônicas (vencedoras no embate), unificadoras e homogeneizadoras de experiências históricas distintas e irreduzíveis.

Atividade – Tema Cidade

- Proposta de atividades para turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.
- Conhecendo o bairro:
- Obs: Referências para a discussão das atividades: entrevistas com pessoas/metodologia de pesquisa da História Oral/Memória e croqui do bairro com as ruas e avenidas/pontos de referências, uma carta sobre a cidade e os lugares que são referências da cidade para os alunos.
- Refletir sobre um Plano de Ensino organizado da seguinte maneira:
- O trabalho de campo sobre o estudo de bairro (com entrevista, fotografias etc.).
- Elaboração de um croqui do bairro.
- Um texto dissertativo (com descrição, problemática e argumentação) sobre o bairro (o bairro onde vivo para alguém que não conhece)
- Refletir acerca a importância do estudo de uma região/lugar/paisagem bairro para o desenvolvimento de conceitos de história e geografia.

Atividade: Tema Cultura

- I. Pesquisar na internet sites de instituições responsáveis pela curadoria de museus, institutos culturais, espaços e monumentos relacionados às memórias e ao patrimônio histórico cultural. Escolher um dos espaços ou instituição e realizar um estudo com vista a compreender os esforços empreendidos na preservação ali constituída, critérios de criação e problemáticas socioculturais envolvidas.
- II. Elaborar atividades de preparação, execução e reflexão posterior para uma visita guiada ao local escolhido envolvendo estudantes do ensino fundamental I.
- III. Elaborar um texto com a justificativa das atividades propostas contendo os motivos da escolha do lugar, contexto histórico cultural do espaço e potencialidades educativas.
- **O Bairro da Liberdade será a referência para esta atividade final.**

História oral como arte da escuta

- **Bibliografia:**

- PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e voz, 2016. Caps. 1 e 2.

História oral como arte da escuta

- **Fontes orais e história oral:**

- História oral: Uso de fontes orais na História ou nas Ciências Sociais; Uma ferramenta para o historiador;
- Fonte oral: narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador;
 - Questões ligadas à memória, narrativas, subjetividade e diálogo;
 - São co-criadas pelo historiador;
- Tradição oral: construtos verbais formalizados, transmitidos, compartilhados;
- Nem tudo que é oral é tradicional.

História oral como arte da escuta

- **Relação: diálogo**
 - Entrevistados e entrevistadores;
 - Memória: tempo do diálogo e tempo histórico;
 - Relação entre esfera pública e privada;
 - Relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador;
 - Restituição;
- “Em última instância, a história oral diz respeito ao significado histórico da experiência pessoal, por um lado, e ao impacto pessoal das questões históricas, por outro” (p. 16).

História oral como arte da escuta

- **Relações: Memória**
- **Confiabilidade das fontes**
 - E fontes documentais?
 - Tarefa do historiador: cruzar fontes, contra-narrativas, etc.
- **Narrativa x Testemunha;**
- **O trabalho do historiador oral envolve:**
 - Historiografia (reconstrução de eventos passados);
 - Antropologia, análise cultural (interpretação da entrevista);
 - Espaço intermediário (elaboração da memória);

- 
- **História dos eventos, da memória, da interpretação dos eventos pela memória;**
- 

Gêneros de História Oral

- **Bibliografia:**

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Gêneros de história oral**. In: Manual de História Oral. 5ª Edição. São Paulo: Loyola, 2005.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Gêneros narrativos em história oral**. Guia Prático de História Oral. 2011.
- **“O que é História Oral? Professor Sebe explica”**. Editora Contexto. Disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=rI8CDDXFmTE>).

Gêneros de História Oral



- **Vídeos: Quilombo Ivaporunduva: A História Narrada Por Nós.** SESC Registro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8loTAtvgRc4>. Acesso em junho de 2022.

Gêneros de História Oral

- **História oral de vida**
- **História oral testemunhal**
- **História Oral temática**
- **Tradição Oral**

História Oral de Vida

- *“Historia oral de vida é um gênero bastante cultivado e com crescente público. Trata-se de narrativa com aspiração de longo curso - daí o nome “vida” - e versa sobre aspectos continuados da experiência de pessoas. (p. 82)*
 - Não se trata de biografia – no sentido de produção escrita;
- *“Supondo-se que a memória e as circunstâncias narrativas não obedecem à sequência lógica dos fatos, a entrevista de história oral de vida ganha foros de construção poética ou literária” (p. 82);*
- Métodos: Entrevistas livres e abertas, evitando-se a condução (perguntas fechadas, questionários, etc);
- História da vida privada; Memória afetiva; Visões subjetivas; História do subjetivo;

- História oral de vida como recurso antropológico e sociológico
 - Fontes históricas *tradicionais*: Cartas, fotografias, “documentos do eu”, diários;
 - Corrente anglo saxônica: Paul Thompson;
 - História oral de vida x biografias (influência francesa);
 - Tempo subjetivo, não necessariamente cronológico;
- ***“A experiência, em sentido amplo, deve ser o motivo das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade, e sim a versão sobre a moral existencial. Nas entrevistas de história oral de vida, as perguntas devem ser amplas, funcionar como estímulos, sempre colocadas em grandes blocos, de forma a dar liberdade de escolha dos fatos e impressões” (p. 83).***

- “A **personalização do enquadramento da narrativa** deve valorizar os vetores que indicam **a história do indivíduo** como centro das atenções. A fim de evitar “especulação condutora”, resta a alternativa dos **grandes blocos de perguntas**, que devem ser divididos em três ou quatro partes. Quanto menos o entrevistador falar, melhor. A participação do entrevistador deve ser sempre estimuladora e jamais de confronto, seja qual for a intenção do projeto. A questão da verdade neste ramo da história oral depende exclusivamente de quem dá a entrevista. [...] **o que se busca é entender a forma de organização mental dos colaboradores.**” (p. 84 e 85).

História Oral Testemunhal

- “caracterizada por narrativas afeitas às vivências dramáticas e de consequências graves, a história oral testemunhal, mais do que documentar e permitir análises, dimensiona ações voltadas ao estabelecimento de políticas públicas inerentes à "reparação". Trata-se, pois, de propostas de cunho político, mas nem por isso menos histórico ou social” (p. 85).
- Exemplos: Holocausto; Apartheid; Limpezas étnicas; chacinas; genocídios; catástrofes e tragédias; grupos que padeceram de torturas, ataques, exclusões;

- **“A constância e gravidade dessas ocorrências mostraram que a história oral de vida não daria conta da centralidade de traumas de grave repercussão social. Sim, a centralidade do caso traumático muda o enfoque vivencial. É a magnitude do drama que se torna o núcleo da narrativa” (p. 86)“.**

História Oral Temática

- **“Quase sempre, em história oral temática, equipara-se o uso da documentação oral ao das fontes escritas. [...] A história oral temática é, quase sempre, usada como técnica, pois articula, na maioria das vezes, diálogos com outros documentos. Alguns trabalhos acabam valendo-se do produto da entrevista como se fosse apenas mais um documento, na busca de esclarecimentos sobre o tema estudado” (p. 88).**
- **“A objetividade, portanto, é mais dirigida, ainda que seja inviável supor objetividade absoluta em expressões da fala espontânea. [...] o recorte do tema deve ficar de tal maneira explícito, que conste das perguntas a serem feitas ao colaborador. Não se deve confundir nesse caso "pergunta" com "estímulo”(p. 88).**

- **“Dado seu caráter específico, a história oral temática ressalta detalhes da história pessoal do narrador que interessam por revelarem aspectos úteis à instrução dos assuntos centrais. Esse gênero de história oral não só admite o uso de roteiros ou questionários, mas, mais do que isso, estes se tornam peça fundamental para a aquisição dos detalhes procurados” (p. 89).**
 - **Pode-se, ou não, enviar o questionário com antecedência ao entrevistado;**
- **Exemplos: Adesão/participação pessoal em movimentos grevistas; Eventos; História de Movimentos Sociais....**

Tradição Oral

- **“Cabe lembrar que a memória transmitida pela fala não favorece exatidões de dados quantitativos e nem se pode exigir dessas narrativas a confiabilidade nos detalhes. Quando se trata de histórias transmitidas através de várias gerações, elementos subjetivos interferem de maneira a fazer esse tipo de narrativa algo específico, pouco apto aos apoios historiográficos que buscam fatos comprováveis” (p. 91).**

- **“Por trabalhar com a transcendência do tempo e admitir interferência dos mitos e demais valores de explicação não racional, a tradição oral é vista como algo menos aceito na comunidade acadêmica, sendo preferencialmente de interesse de antropólogos. Como narrativa de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto, a tradição oral percebe o indivíduo e o grupo diferentemente da história oral de vida e da história oral temática. Variam também os procedimentos de apreensão das narrativas” (p. 91 - 92).**

- **Sociedades ágrafas; Tradição comunitária (mais coletiva que individual); Participação intensa que extrapola o nível da entrevista;**
- **Dois tipos de Tradição Oral:**
 - **Natural: Sociedades “que ainda mantém a originalidade”, como povos (semi) isolados;**
 - **Moderna: transmitida pela música popular e outras manifestações culturais;**
- **“A tradição oral, no caso, deve revelar além das estruturas e comportamentos do grupo a noção de passado e presente daquela cultura. Ainda que a tradição oral também implique entrevista com uma ou mais pessoas vivas, ela remete às questões do passado longínquo que se manifestam pelo que chamamos de folclore e pela transmissão geracional” (p. 92).**
 - **“Além da observação constante, no caso da tradição oral' a entrevista deve abranger pessoas que sejam "depositárias das tradições” (p. 94).**
- **Exemplos: Busca por mitos fundadores; Origem dos povos; história de antepassados; mitologias; folclores; histórias de sociedades urbanas ou rurais - história de bairros, localidades;**



- **Projeto de História Oral: São Luiz do Paraitinga: Dever de memória e prática de cidadania.** NEHO USP, 2011.